

mercado

COTAÇÕES/ONTEM

Bovespa	+0,33%
Dólar livre	R\$ 1,761/1,763
Dólar turismo	R\$ 1,700/1,890
Poupança (hoje)	0,6327%
Euro em Londres	1,2940 dólar

TECNOLOGIA
Pioneira da fotografia, Kodak pede concordata nos EUA
Pág. B8 ▶

Esquenta guerra comercial com a Argentina

Fala de Fernando Pimentel sobre protecionismo de parceiro do Mercosul é rebatida por ministra do país vizinho

Brasil tem superavit, diz Debora Giorgi após Pimentel apontar dificuldade em lidar com argentinos

SYLVIA COLOMBO
DE BUENOS AIRES

As palavras do ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio brasileiro, Fernando Pimentel, anteontem, em Nova York, causaram repercussão na imprensa e entre empresários na Argentina. O ministro disse que, para o Brasil, a Argentina vem sendo um “problema permanente”, referindo-se às recentes medidas protecionistas adotadas por este país.

A ministra da Indústria argentina, Debora Giorgi, disse ontem, por meio de um comunicado, que a realidade do comércio bilateral entre Argentina e Brasil não corresponde ao comentário. Giorgi lembrou o superavit favorável ao Brasil —atualmente de US\$ 6 bilhões— e o quanto as compras argentinas de produtos brasileiros aumentam.

“Nas relações comerciais com o Brasil, tanto bilaterais como no âmbito do Mercosul, sempre seguimos pautas normativas dos tratados regionais e normas da Organização Mundial do Comércio.”

O presidente da União Industrial Argentina, José Ignacio de Mendiguren, reagiu: “Os números mostram que essa declaração é injusta”.

Mendiguren ainda lembrou que, “nos últimos 80 meses, o Brasil tem tido uma balança positiva com a Argentina. As exportações desse país aumentaram 25%.”

Em entrevista à agência Dow Jones, Pimentel declarou que, com relação à Argentina, o vínculo político era bom, “mas, economicamente, é difícil lidar com eles”.

Na semana passada, o governo argentino havia anunciado uma nova política de travas à importação, exigindo uma declaração com a jus-

tificativa de compra de cada produto que entra no país.

“Sempre nos perguntamos até onde iria a paciência do Brasil”, disse à **Folha** Mariano Lamothe, da consultoria Abeceb. “Há alguns anos a Argentina vem colocando restrições ao comércio, ampliando pedidos de licença, até pedindo diretamente que empresas não importem.”

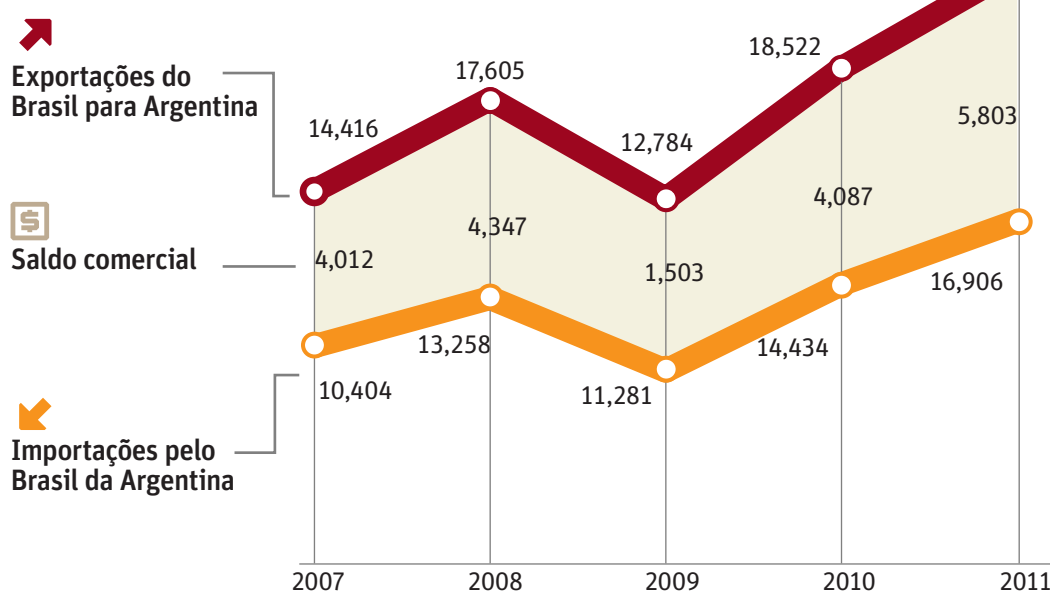
Os problemas entre os dois países, recorrentes desde 2004, se agravaram no ano passado quando o governo Dilma decidiu frear a importação de automóveis, medida que afetou todos os países, mas sobretudo a indústria automobilística da Argentina como resposta a outras medidas protecionistas.

Para Miguel Ponce, portavoz da Câmara dos Importadores da Argentina, a reação do governo brasileiro é “natural”. “Há marchas adiante e marchas atrás; isso acontece porque se trata de uma relação intensa”, disse Ponce.

COMÉRCIO BRASIL-ARGENTINA

País vizinho impôs autorização prévia para importados a partir de fevereiro

SUPERÁVIT COMERCIAL DO BRASIL COM ARGENTINA JÁ CHEGA PERTO DE US\$ 6 BI



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Brasil monta estratégia antes de contra-ataque

NATUZA NERY
MAELI PRADO
DE BRASÍLIA

O governo Dilma não descarta retaliar a Argentina por protecionismo comercial após o país vizinho decidir impor autorização prévia para todas as importações a partir de fevereiro.

A orientação é demonstrar incômodo com a decisão, mas esperar a implantação da medida ao longo do mês que vem para só então reagir.

A expectativa é que os argentinos revejam sua posição para evitar o risco de prejudicar seu próprio mercado local.

Segundo a **Folha** apurou, a decisão sobre retaliar o parceiro comercial virá somente a partir de março, após se avaliar o impacto da medida.

A exigência de autorizações antecipadas diz respeito a 75% de tudo o que o país vizinho importa, já que a medida fala em “bens destinados ao consumo”.

“Isso é limitar importações, discutir caso a caso com cada empresa se podem ou não comprar de outros países. Se entrar em vigor, podemos rasgar o Mercosul”, disse Roberto Gianetti da Fonseca, diretor da Fiesp.

Para Cynthia Kramer, advogada do escritório L. O. Baptista Advogados Associados, “faria mais sentido entrar com um pedido na OMC (Organização Mundial do Comércio). Mas não acredito que o Brasil siga esse caminho, por questões políticas”. Tudo deve ser tratado no âmbito do Mercosul.



Mariana Eliano/Folhapress

Martin Lousteau, ex-ministro de Economia da Argentina

ANÁLISE

No horizonte, há um sinal de retaliação para os vizinhos

LEONARDO TREVISAN
ESPECIAL PARA A FOLHA

No centro da radicalização do protecionismo argentino está a resolução que determinará – a partir de fevereiro – a todo importador a apresentação da “Declaração Juramentada Antecipada de Importação”, medida que impõe mais controle do governo.

Conter importações por decreto prejudica os exportadores brasileiros e engrossa o histórico recente de entraves. Desde 2008, o Brasil enfrenta, por exemplo, a imposição das “licenças não automáticas de importação”, sempre postergadas além dos 60 dias autorizados pela Organização Mundial de Comércio.

Isso gera, na prática, um descompasso no calendário de importação de uma série de bens. Atinge, por exemplo, tanto máquinas agrícolas brasileiras como calçados de inverno ou de verão, que entram no país vizinho só após

o fim da estação.

O governo argentino também nem sempre cumpre promessa de acordo. Em 2010, em reuniões na Fiesp, concordou em acabar com as manobras. Em vão. Em junho de 2011, o Brasil freou a entrada de carros argentinos no mercado brasileiro e Buenos Aires recuou em uma semana.

O fato de que é o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e não o Itamaraty, que passou a responder às investidas da política protecionista argentina sugere que a paciência brasileira com as manobras não é mais a mesma.

No horizonte, é possível avistar sinal de retaliação no espaço que interessa aos exportadores argentinos no mercado brasileiro. Estes empresários podem fazer a Casa Rosada mudar de rumo.

LEONARDO TREVISAN é professor de relações internacionais na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

‘País faz protecionismo defensivo’, diz argentino

DE BUENOS AIRES

Para o ex-ministro de Economia da Argentina Martin Lousteau, 41, as declarações do ministro Fernando Pimentel ilustram o atual momento de conflito na relação comercial dos dois países.

Lousteau, que atuou na primeira gestão de Cristina Kirchner, mas se afastou do governo depois da crise com o campo, em 2008, acha que o protecionismo argentino praticado pelo governo é muito “defensivo”, e que o país deveria imitar o Brasil. (sc)



O porquê das medidas

É necessário entender o momento do crescimento argentino. Crescemos muito principalmente em duas fases, de 2002 a 2005, e de 2005 a 2008, ainda que nesta última com inflação e com perda de competitividade. Com o valor da soja caindo, o Estado busca outros motores de crescimento, usando reservas do Banco Central. Hoje, o crescimento passou a ser mais difícil de manter.

O problema das medidas de restrição ao comércio ex-

terior não é o protecionismo, mas o tipo de protecionismo. Tem mais a ver com uma ideia de não querer perder reservas do que com um plano específico relacionado a para onde o mundo está indo. O que o governo quer é deixar de perder dólares.

União

Sim. Isso é muito importante. Os países do Mercosul estão perdendo tempo discutindo essas travas internas sem ter claro o que vem por aí. A crise global vai ser dura para todos nós. A região teria

de encontrar um modo de defender-se unida.

Dentro do Brasil e dentro da Argentina há interesses que fazem com que esse objetivo em comum seja cada vez mais difícil. No Brasil existem vozes que gostam de apontar para as deficiências do Mercosul ou para as contínuas lutas com a Argentina.

Solução para o impasse

São necessárias políticas de integração industrial. Há 40 países no mundo que podem produzir automóveis.

A Argentina estará entre os

últimos, Brasil um pouco melhor, mas se entrarem juntos no mercado mundial, podíamos ser os primeiros.

Para a Argentina, custa pensar assim porque nos pesa muito o déficit comercial. Falta aos dois países pensar em sentido mais desenvolvimentista de longo prazo.

Impacto da crise

Diferentemente do Brasil, não fizemos trabalho prévio na época boa para nós. Então, o mundo nos aparece como uma ameaça agora, e não com uma possibilidade de oportunidades.

É provável que, com toda a liquidez gerada pela crise, parte do dinheiro estará dando voltas por aí. O Brasil vai se aproveitar disso, a Argentina não. Porque o Brasil se preparou e hoje seus presidentes vão aos fóruns mundiais de outra maneira. O Brasil está aproveitando para elevar seu status no mundo. A Argentina não.

“ O Mercosul perde tempo discutindo essas travas internas sem ter claro o que vem por aí. A crise global vai ser dura para todos nós. A região teria de encontrar um modo de defender-se unida

“ É provável que, com toda a liquidez gerada pela crise, parte do dinheiro estará dando voltas por aí. O Brasil vai se aproveitar disso, a Argentina não. Porque o Brasil se preparou